



ISSN 2237-9460

DOI: 10.24065/re.v1i1.2861

# REACIONARISMO E OS “ATAQUES CONTRA ESCOLAS” NO BRASIL: 2022 a 2023

Marcos Francisco Martins<sup>1</sup>  
Ingrid Corrêa Cardoso de Souza<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo resulta de uma pesquisa que procurou verificar a relação entre o avanço do neofascismo e de grupos reacionários da extrema direita nas últimas décadas, e o aumento dos “ataques contra as escolas” no Brasil nos anos de 2022 e 2023. A metodologia empregada na investigação foi a revisão bibliográfica e documental, que produziu argumentos para sustentar a hipótese de que o crescimento do reacionarismo acompanhou o aumento significativo dos ataques contra escolas públicas em nosso país.

**Palavras-chave:** antideocratia pedagógica; educação precarizada; educação reacionária.

## REACTIONARISM AND THE “ATTACKS ON SCHOOLS” IN BRAZIL

## ABSTRACT

This article is the result of a research that sought to verify the relationship between the advance of neofascism and reactionary groups of the extreme right, in recent decades, and the increase in "attacks against schools" in Brazil, in the years 2022 and 2023. The methodology used in the investigation was bibliographic and documentary, which produced arguments to affirm the hypothesis that the growth of reactionarism accompanied the significant increase in attacks against schools in our country.

**Keywords:** attacks against schools; school violence; reactionarism.

## EL REACCIONARISMO Y LOS “ATAQUES CONTRA LAS ESCUELAS” EN BRASIL

## RESUMEM

Este artículo es el resultado de una investigación que buscó verificar la relación entre el avance del neofascismo y los grupos reaccionarios de la extrema derecha, en las últimas décadas, y el aumento de los "ataques contra las escuelas" en Brasil, en los años 2022 y 2023. La metodología utilizada en la investigación fue bibliográfica y documental, lo que arrojó argumentos para sustentar la hipótesis de que el crecimiento del reaccionarismo acompañó el aumento significativo de los ataques contra las escuelas en nuestro país.

**Palabras clave:** ataques contra escuelas; violencia escolar; reaccionario.

## INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Doutor em Educação. Professor Associado da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), campus Sorocaba, estado de São Paulo, Brasil. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-8220-2030>. E-mail: marcosfranciscomartins@gmail.com

<sup>2</sup> Licenciada em Pedagogia e Bacharel em Turismo. Discente da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), campus Sorocaba, estado de São Paulo, Brasil. Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0003-8862-2305>. E-mail: ingridsouza@estudante.ufscar.br



Entre os anos de 2022 e 2023, escolas no Brasil enfrentaram um momento de terror nunca experienciado, fenômeno neste texto designado de “violência contra escolas”. Assim como Cara *et al.* (2022), utiliza-se aqui a referida expressão e não “violência escolar”, uma vez que o agente da violência não é a instituição escolar, a partir da prática dos sujeitos que a identificam e desenvolvida dentro dela, mas aqueles(as) externos(as) a ela e contra ela.

Há nas escolas públicas e privadas brasileiras violência institucional e social, isto é, ações da comunidade escolar (docentes, estudantes, funcionários/as e comunidade externa) incluindo criminalidade, danos ao patrimônio público, conflitos interpessoais, violência simbólica e outros (Silva; Negreiros, 2020). Mas este artigo não trata dessas questões e sim de atentados contra as escolas, que Vinha *et al.* (2023) identifica como fenômeno com características próprias:

2

[...] atos cometidos por estudantes ou ex-estudantes de forma intencional, ocorridos no espaço escolar e que se caracterizavam como crimes de ódio e/ou movidos por vingança (ou atos infracionais violentos). São motivados por ressentimentos, preconceitos, discriminação, racismo, misoginia, intolerância à existência de um grupo, aversão completa a outra pessoa, sectarismo, extremismo, entre outros sentimentos, concepções e valores análogos. Caracterizam-se também pelo planejamento e o emprego de determinado(s) tipo(s) de arma(s) com a intenção de causar morte de uma ou mais pessoas (Vinha *et al.*, 2023, p. 06).

Essa violência vem se agravando no Brasil desde as “Jornadas de Junho de 2013” (Martins, 2013), acompanhada de outras formas de violentar a educação democrática: *homeschooling* (Salles; Martins, 2024) e escolas cívico-militares (Cunha, 2022), Escola sem Partido (Frigotto, 2017) e a crítica odiosa de reacionários(as) a educadores como Paulo Freire, por exemplo.

A hipótese da investigação, cujos resultados são aqui apresentados, é que o crescimento do reacionarismo no Brasil (identificado como neofascismo e neonazismo), entre 2013-2023, acompanha o aumento dos ataques contra escolas. Marco desses eventos é o caso de Columbine, em

1999<sup>3</sup>, que expressa o school shooting (tiroteio em escolas, que causam massacres) e colaborou na difusão dessa violência nas redes sociais.

O campo das ciências humano-sociais discute se cabe afirmar que o reacionário<sup>4</sup> governo Bolsonaro (2019-2023) se identificou com o neofascismo e/ou neonazismo, pois a presidência dele fez a defesa da militarização e a apologia às armas, a comunicação violenta, a pregação da eliminação de inimigos(as) e do negacionismo científico e ambiental, a defesa da homofobia, transfobia, misoginia, xenofobia e racismo, a manifestação de ódio a grupos minoritários e o saudosismo de sociabilidades pregressas.

A metodologia utilizada na pesquisa foi a bibliográfica e documental<sup>5</sup>. O levantamento da literatura foi feito em periódicos, com a preferência para a base da Scielo, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e da Anped, nos GT's da ANPED 05 – Estado e Política Educacional e GT 20 – Psicologia da Educação. Os descriptores foram: violência e educação; violência e escola; escola violenta, com recorte temporal entre os anos de 2013, com as “Jornadas de Junho” (Bringel; Pleyers, 2015), e 2023. A pesquisa documental analisou o plano de governo de Bolsonaro para as eleições de

<sup>3</sup> Em abril de 1999, dois estudantes de uma escola em Columbine (Colorado) mataram 13 pessoas (12 estudantes e 1 professor), feriram outras 24 e, depois, cometaram suicídio. Além do uso de armamento pesado, os jovens espalharam bombas caseiras pela escola para ampliar a destruição e servir de distração. Os atiradores planejaram o ataque por 11 meses e se inspiraram em atentado contra um prédio governamental, em Oklahoma City, feito por supremacistas brancos. Investigações revelaram que ambos os jovens pesquisaram ativamente sobre guerras e assassinatos em massa, eram admiradores do nazismo e cultuavam extremistas brancos. “Por sua letalidade, complexidade e ampla cobertura de imprensa, o atentado de Columbine gerou forte comoção mundial. Como consequência, se tornou o marco do fenômeno do ataque às escolas [...]” (Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas, 2023, p. 22).

<sup>4</sup> Adota-se aqui a formulação de Martins (2022) sobre o termo reacionário: “**Conservador** é o(a) que almeja **manter-conservar** o status quo e a concepção de mundo predominante no atual estágio de desenvolvimento do metabolismo social do capital. **Progressista** se refere àquele(a) que quer dar um “**salto ao futuro**”, criando uma nova civilização, baseada em outra concepção de mundo e dinâmica para a totalidade da vida social. E **reacionário** diz respeito aos(as) que pretendem dar um “**salto para trás**” no desenvolvimento histórico, do que resulta subverter a concepção de mundo e tentar destruir o padrão de “civilidade” hodierno, idealizando os pretéritos” (s/p., negritos do autor). Segundo Cara, “Esses grupos [...] buscam a promoção de uma agenda política moralmente regressiva, especialmente (mas não apenas) orientada a conter ou anular avanços e transformações em relação a gênero, sexo e sexualidade, além de reafirmar disposições tradicionalistas, pontos doutrinários dogmáticos e princípios religiosos ‘não negociáveis’” (Cara, 2022, p. 3).

<sup>5</sup> Pois podem “[...] permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço [...] também é indispensável nos estudos históricos” (Gil, 2002, p. 45).



2018 (*O Caminho da Prosperidade*, 2018), especialmente a parte que trata da educação, e o Relatório de Telma Vinha *et al.* (2023) sobre ataques de violência extrema em escolas no Brasil.

Articulado em cinco partes e a conclusão, este artigo pode interessar a setores sociais e acadêmicos que pretendem entender o fenômeno dos ataques contra escolas no Brasil e suas complexidades.

## **MOVIMENTO FASCISTA CLÁSSICO: PAUTAS DE MUSSOLINI (ITÁLIA) E HITLER (ALEMANHA)**

O fascismo é um fenômeno político dos mais significativos do século XX. Mas há uso sem rigor científico da palavra fascista (Konder, 2009) mormente pela esquerda, que a ele recorre para se referir a membros da direita. Taber e Riddell (2019) apontam que fascismo é termo bem propagado e pouco compreendido; por vezes, é rótulo de insulto, utilizado como simples adjetivo e não como conceito político, o que é corroborado por Brandão (2019, p. 8): “[...] tal conceito é vulgarizado pelas mais diversas correntes”.

Para superar isso, Faria *et al.* (2022) diz que o conceito de direita é imperioso à correta interpretação do fascismo, pois ele é do seu gênero. Historicamente, seus fundadores, Mussolini e Hitler, estão aí localizados, e não na esquerda, conforme afirmado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro em discurso ocorrido em 2019 (G1, 2019).

Na Itália, Mussolini compôs a ideologia do fascismo com um valor supremo: a pátria. Para Konder (2009), a Itália era marcada por violentos conflitos sociais e, portanto, necessitava substituir o “social” pelo “nacional”, no qual não haveria proletariado, já que todos(as) eram “italianos(as)” e vítimas do sistema de exploração internacional. Daí o “nacional” ter se tornado um dos princípios básicos do fascismo. Hitler o adota, mas de forma radicalizada, pois em 1922 dizia que “nacional” e “social” compartilhavam o mesmo conceito. O mito da nação lhe foi eficaz, pois o capitalismo na fase imperialista estava marcado pela perda da dimensão nacional, sobretudo, nas nações subalternizadas como era a Alemanha após a I Guerra.

O mito da nação colaborou para o fascismo conseguir adeptos(as) em todas as classes sociais, inclusive entre trabalhadores(as). E o fez destruindo princípios do liberalismo, convicções e práticas democráticas. A vitória dele e depois do nazismo se deu também pela crise do socialismo, articulada, no caso da Alemanha, ao mito da superior raça ariana<sup>6</sup>, e na Itália, à ideia de que o povo era herdeiro da grandiosidade do Império Romano.

O chauvinismo é outra característica destacada na literatura sobre o tema. Definido como adjetivo que qualifica aquele(a) que tem entusiasmo pelas glórias do país, patriota exaltado, radical nas ideias e atitudes, ele se manifesta nos fascismos, qualquer que seja a forma assumida em cada país.

O movimento fascista nas décadas de 1920 e 30 ganhou as massas e abriu caminhos à ação política, o que demandou financiamento daqueles(as) que dispõem de dinheiro (Paris, 1976; Konder, 2009; Fabbri, 2019).

Para Paxton (2007), o fascismo se inspira em diferentes matrizes filosóficas e se assume flexibilidade tática e foco na dimensão emocional coletiva, empregados no contexto italiano pós I Guerra. Com a classe dominante italiana em dificuldades para manter a sociabilidade de dominação no país unificado e para modernizá-lo, Mussolini apegou-se ao “subversivismo reacionário” (Gramsci, 2004, p. 68): reprimiu as classes subalternas, sem desistir da disputa ideológica; instituiu medidas de interesse dos(as) trabalhadores(as); apoiou ex-combatentes; opôs-se à democracia liberal (“partidarismo”, por exemplo) e ao socialismo, denunciando o Partido Socialista Italiano (PSI) como antinacional (Bucci, 2025).

É nesse contexto que foi atacada a sede do jornal “Avanti!”, jornal do Partido Socialista Italiano (PSI). Apesar de Mussolini não reivindicar a autoria,

<sup>6</sup> O conceito de raça é bastante problemático, até porque, atualmente, há certo consenso no âmbito das ciências humanas e sociais de que há somente uma raça, a humana, com variações étnicas entre elas. Todavia, no século XIX, o conceito de raça, a partir da perspectiva do darwinismo social e com finalidade política, passou a ser empregado como identificação de uma “nacionalidade” superior: a ariana, de etnia branca caucasiana. O auge desse uso racista do referido conceito tomou lugar na Alemanha nazista, embora atualmente alguns movimentos reacionários, como o “supremacista branco”, tentem fazê-lo reemergir no contexto presente.

sentia-se orgulhoso da atrocidade, além de incentivar atos de violência, como os praticados pelos “Camisas Negras”, grupos paramilitares fascistas. Na época, muitos(as) não deram importância ao fato, por acharem que estaria restrito à Itália e seria de existência breve. Todavia, Gramsci escreveu no “Avanti!” que o fascismo não seria restrito à Itália. Ele significava o maior obstáculo na luta pela construção da sociedade democrática (Zetkin, 2019).

O fascismo opõe-se ao marxismo, promovendo a confusão de conceitos (Konder, 2009). O fascismo alemão repetiu o italiano em contexto diferente, daí variações como o nazismo (Fabbri, 2019). Hitler inspirou-se em Mussolini para dar um golpe de Estado (Konder, 2009) e rapidamente projetar-se, ajudado pela crise de 1929 (Konder, 2009; Fabbri, 2019).

Em maio de 1933, houve a queima de livros promovida por Goebbels, ministro da propaganda nazista, e pelo *Führer*: universitários(as) atearam fogo em mais de 25 mil livros considerados não alemães, indício de censura política e controle ideológico nazista sobre o povo. Esse evento evidencia o “irracionalismo” e o “anti-intelectualismo” do nazismo e do fascismo, que contestam o pensamento crítico para garantir a submissão ao totalitarismo.

Em 1935, Dimitrov apresentou a definição de fascismo que se tornaria famosa: ditadura terrorista aberta dos elementos mais reacionários(as), chauvinistas e imperialistas do capital financeiro. Nasce também nesse período o que Konder (2009) descreveu como a nova atitude ante ao inimigo fascista, que abrangia todas as forças capazes opositoras aos responsáveis pelo avanço do fascismo: a frente popular antifascista.

Após a guerra, fascistas e nazistas se reinventaram, com estilo sóbrio e tecnocrático, sem as antigas simbologias (Konder, 2009). Exemplos: o Movimento Social Italiano-Direita Nacional e o Partido Nacional-Democrático da Alemanha, de matriz neofascista.

Pelo exposto e do que é consagrado na literatura sobre o nazismo e o fascismo, eis algumas pautas deles: chauvinismo; autoritarismo; ataque à democracia liberal e suas instituições; militarismo; elogio à força e às armas; ódio e violência como mediadores das relações sociais; crítica aos partidos; negação do socialismo e do comunismo; apelo à emoção coletiva; elogio a



sociabilidades pregressas, anti-intelectualismo e irracionalismo; manipulação de informações para controlar consciências e comportamentos em favor do autoritarismo por meio de fortes aparelhos de propaganda de massa.

## REACIONARISMO DE BOLSONARO E EMERGÊNCIA DO NEOFASCISMO NO BRASIL

Ao final do século XX, muitos(as) viam o fascismo como um fantasma obscuro do passado, relegado aos livros de história (Puzone, 2022). Mas isso se desfez nas sucessivas crises capitalistas, com gravidade acentuada na de 2008, que estruturalmente afetou a sociedade burguesa (Vasconcelos, 2022) e abriu caminho a governos reacionários (Diamond, 2017 apud Singer, 2022). Das contradições dessa crise aflorou na política o que “[...] há muito não demonstrava coragem nem capacidade de aglutinação necessária para se apresentar de maneira relevante: a extrema-direita” (Brandão, 2019, p. 7).

A segunda década do século XXI foi marcada por vitórias eleitorais de reacionários pelo mundo (2010, Hungria; 2014, Índia; 2015, Polônia; 2016, Filipinas e Estados Unidos) e no Brasil (em 2018), contribuindo para enfraquecer a democracia e fortalecer “novos” fascismos. Como disse Umberto Eco (2018) desde a primeira edição do livro “O fascismo eterno”, ele se adapta às novas realidades e explora os medos e frustrações do povo.

Para Adriana Dias, se o Brasil teve o maior movimento fascista fora da Europa na década de 1930, a Ação Integralista Brasileira, de Plínio Salgado, atualmente isso foi reavivado com a ascensão do reacionarismo pelo mundo e com a eleição de Bolsonaro em 2018 (Cohn, 2022), pois a partir de 2019, células nazistas ganharam força e notoriedade (crescimento superior a 270% entre janeiro de 2019 e maio de 2021 no Brasil), pois se sentiram autorizadas a atuar publicamente com discursos de ódio do então presidente, notadamente em redes sociais. Puzone (2022) alertou que Bolsonaro eleito abriu possibilidades à emergência do fascismo no Brasil.

Embora “bolsonarista” seja termo comum após a eleição de Bolsonaro a presidente, o colunista Xico Sá, em 2011, o utilizou em uma matéria. Em 2015, Wilson Gomes disse que o bolsonarismo começava a aproximar-se de



grupos da direita extremista e de conservadores(as) religiosos(as), e que ganhou força nas Jornadas de 2013, entendidas como deflagradoras da emergência do neofascismo no Brasil. Magenta (2022) disse que o ser bolsonarista é um dos fenômenos políticos brasileiros mais importantes da história recente: atrai pessoas de diversos níveis sociais, classes e frações de classes, descontentes e atraídas pelas citadas pautas do movimento fascista clássico.

Para Russo et al. (2022), o histórico conservador do povo brasileiro fez o país guinar-se à direita, fato comprovado pela pesquisa do *Latin American Public Opinion Project*, de 2019, na qual 39% se declaravam membros da direita, sendo que em 2017 eram 28%. Diz ele ainda que a autodeclaração de direita ou esquerda não se dá só pelas pautas defendidas, mas pelas figuras que as representam: Bolsonaro como direita e Lula como esquerda.

Se o fascismo clássico se aproximou de militares, Bolsonaro também assim agiu: houve participação destacada deles(as) na eleição de 2018, como também na de 2022. Na presidência alcançada com 55,13% dos votos no segundo turno, Bolsonaro os(as) nomeou a cargos de relevo no governo, instrumentalizando o Estado. Em 2020, o Tribunal de Contas da União (TCU) mostrou que eram 6.157 os(as) militares nomeados(as), aumento de 108,22% em relação a 2016, com 92% deles em posições abertas durante o governo.

Alimentado pelo medo e insegurança do povo, o “Mito” reformulou a política de armamento, do que decorreu em 2022, o Brasil registrar aumento de 26% de armas de fogo nas mãos da população civil. Um dos argumentos latentes era o de que o povo com armas seria necessário à luta que viria a travar contra o comunismo, um inimigo do fascismo segundo Eco (2018).

Outra proximidade entre “bolsonarismo” e fascismo clássico é o uso de propaganda para formar opinião pública. Em 2018, usou-se o *marketing digital* e *fake news* como estratégia eleitoral, legitimada pelo argumento da liberdade de expressão, propalada por reacionários(as) brasileiros(as), que desprezam as fontes confiáveis porque pode estimular o pensamento crítico (Dahl, 2001). Daí o “Gabinete do ódio” hoje é investigado por servir como “quartel” para o disparo em massa de notícias falsas, com vistas a prejudicar

adversários e inimigos. Segundo Singer (2022), o “Gabinete” foi considerado por “bolsonaristas” a melhor maneira de se informar. A internet facilitou disseminar informações falsas, manipulando algoritmos para fins comerciais e políticos (Empoli, 2019). Isso favoreceu manejar a opinião pública por apelos emocionais e crenças pessoais, em prejuízo da racionalidade (Manso, 2023).

Se na Alemanha nazista e na Itália fascista o nacionalismo exacerbado moldou a identidade chauvinista e xenofóbica, isso ecoou como “patriotismo” no Brasil de Bolsonaro, que paradoxalmente promoveu privatizações e entregou o patrimônio nacional, agenciou a submissão cultural aos EUA, para cuja bandeira o “Mito” bateu continência.

Uma “bricolagem” do fascismo clássico no “bolsonarismo” é o bordão adotado: “Deus, pátria, família”, justamente o lema da Ação Integralista Brasileira (Almeida, 2020), que marca eventos da presidência de Bolsonaro<sup>7</sup>.

Isso não surpreende porque, observado o plano de governo de Bolsonaro de 2018, há posicionamentos aderentes ao fascismo clássico. Faria *et al.* (2022) afirma que ele prioriza liberdades negativas, a conservação do status quo, “lei e ordem” baseadas na violência do aparato militar e a prevenção da moral conservadora de base religiosa, enquanto temas como o bem-estar e qualidade de vida são preferidos. Há evidente reacionarismo no referido plano: apresenta o chauvinismo e críticas aos direitos humanos; defende armar o povo, reduzir a maioridade penal para 17 anos, reformar o Estatuto do Desarmamento e garantir o excludente de ilicitude a policiais; saúda a ditadura civil-militar e critica a legitimidade do sistema eleitoral. O que destoa do fascismo clássico, que se dizia a terceira via entre capitalismo e socialismo, é a completa adesão ao capitalismo neoliberal (Faria *et al.*, 2022): defesa do livre mercado, privatizações, empreendedorismo...

No governo, as ações foram ao encontro do prometido. Na pandemia de Covid-19, além de zombar publicamente de doentes, Bolsonaro adotou a estratégia de imunidade de rebanho, desinformando e negando a

<sup>7</sup> O assessor internacional da presidência, Felipe Martins, em 24/03/2021, fez com a mão gesto em formato de “W”, que é identificação de supremacistas brancos; o discurso do Secretário de Cultura, Roberto Alvin, em janeiro de 2020, plagiado de Goebbels; o encontro de Bolsonaro com Beatrix von Storch (julho de 2020), do partido de extrema direita alemão AfD (Alternativa para a Alemanha) e que é neta do ex-ministro das Finanças de Hitler.

gravidade da crise (Calil, 2021). Além disso, desmantelou o Conselho Nacional de Combate à Discriminação; houve notícias de corrupção e Bolsonaro atualmente é investigado, inclusive, por tentativa de golpe contra o Estado Democrático de Direito. Derrotado por Lula, sugeriu que houve fraude nas urnas, o que culminou na “tentativa” de golpe em 08/01/2023<sup>8</sup>, o pior ataque à democracia liberal após a redemocratização.

No início do governo, embora não houvesse uma ditadura fascista, Bolsonaro apresentava sinais dessa ideologia, que ataca a democracia (Boito Jr., 2021). Singer (2022) destaca que, assim como no nazifascismo, a direita brasileira criou inimigos comuns, como o comunismo e a corrupção, reforçando o antipetismo. Bolsonaro também declarou ser o nazismo de esquerda, um revisionismo histórico, e cultivou o irracionalismo nos ataques à cultura e desqualificações das escolas, universidades e seus sujeitos.

Se é clássico ao fascismo a apologia à violência, Bolsonaro nunca escondeu seu apego a ela: se na campanha para a eleição de 2018 aludia a “metralhar a petralhada” (militantes do Partido dos Trabalhadores - PT), durante a votação do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, homenageou o torturador dela na ditadura civil-militar, o Coronel Ustra.

Pelo exposto, cabe dizer que o “bolsonarismo”, inegavelmente, aproxima-se do fascismo clássico, particularmente, das pautas dele. Há até a manifesta admissão, por esse movimento, de Bolsonaro como o único líder.

10

## **EDUCAÇÃO NO PLANO DE GOVERNO E AS REACIONÁRIAS AÇÕES DE BOLSONARO**

O plano de governo 2018 de Bolsonaro para a educação não é detalhado, dificultando análises. O material elaborado e apresentado para essa finalidade se limita ao atendimento de formalidades básicas e mais parece uma apresentação em “Power Point” (Martins, 2020). Mas afirma a reforma educativa centrada em tradicionais valores e assentada em paradigma não crítico. Frigotto (2022) caracteriza essa agenda como

<sup>8</sup> No dia 08 de janeiro de 2023, uma multidão “bolsonarista” invadiu e depredou as sedes dos Três Poderes em Brasília, dada a insatisfação com o resultado das eleições presidenciais de 2022. Enquanto contestavam a legitimidade do presidente eleito, Lula da Silva, na manifestação, pediam uma intervenção militar.

“guerra cultural” contra a diversidade, a ciência e o pensamento divergente, permeada por fundamentalismo religioso e econômico. Para Accioly, Moreira e Silva (2023), essa luta é uma batalha moral, associando o “bem” à moral cristã ocidental, branca e patriarcal, e o “mal” a tudo que diverge disso.

Para Valente e Pereira (2023), Bolsonaro continuou o neoliberalismo de Michel Temer, que assumiu a presidência após o “golpe de 2016” (Santos; Baccega; Mateus, 2021). Seu plano de governo dizia não faltar verba à educação; seria suficiente se bem administrada, isto é, seguindo o modelo da empresa privada. No projeto de Bolsonaro, o investimento em ciência, tecnologia e educação não são prioridade (Frigotto, 2022; Brito et al., 2023).

Apesar de propor que a educação deva se inspirar nas estratégias do Japão, Taiwan e Coreia do Sul, dados os resultados que alcançaram<sup>9</sup> no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) e na Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o plano não aponta o caminho para tanto. Nele consta o uso do ensino a distância para toda a educação e expurgar dela Freire e o marxismo cultural. Essas pautas são reacionárias e dialogam com seus movimentos, como o Escola sem Partido (Frigotto, 2017) e o *homeschooling* (Lima et al., 2022; Salles; Martins, 2024). Embora se saiba, com Souza e Oliveira (2017), que defender escola sem ideologia também é uma ideologia, esses movimentos excitam o patrulhamento ideológico, como ocorreu na Alemanha nazista.

Se o plano de governo era muito conservador, as ações de Bolsonaro na educação não destoaram disso, pois “[...] a educação estatal, pública, inclusiva, laica, democrática, de qualidade e socialmente referenciada [...] está sendo destruída” (Taffarel; Neves, 2019, p. 317) por iniciativas de controle ideológico de instituições escolares, currículos e professores(as) (Valente; Pereira, 2023), em cujo espaço de trabalho as manifestações de pluralidade e de inclusão despertam a ira de reacionários(as).

<sup>9</sup> Cabe ponderar que esses tipos de avaliação educacional em larga escala adotam um conceito de qualidade baseada na aferição via provas padronizadas e métricas quantitativas, sustentando um sistema meritocrático, ao que alguns(mas) autores(as) criticam, como é o caso de Freitas (2019).



Para Leher (2023), Bolsonaro promoveu a guerra cultural na educação, nomeando ao Ministério da Educação figuras com postura antidemocrática (Rocha; Vicente, 2021), pois criticavam espaços educacionais e docentes, ações características de regimes fascistas (Taffarel; Neves, 2019).

Essas medidas se coligaram a ações em outros campos, mas que na educação repercutiram, como a defesa do armamento do povo e a facilitação a isso como modo de resolução de conflitos. Nas eleições de 2018, os(as) reacionários(as) e seus discursos de ódio por meios oficiais e não oficiais de poder acusavam escolas de serem locais de perversão e doutrinação de crianças, o que colaborou para os ataques a elas. Durante o governo Bolsonaro ocorreram onze casos, seis deles com o uso de arma de fogo.

## OS ATAQUES CONTRA ESCOLAS NO BRASIL

Tanto o Brasil quanto os Estados Unidos vivenciam o aumento de ataques às escolas. Nos EUA, os "school shootings" existem desde o século XIX, mas assumiram a forma atual ao final dos anos 1980. Essa violência crescente reflete mudanças estruturais, dada a instabilidade do capitalismo e o avanço do neoliberalismo, que fazem emergir movimentos neofascistas com articulação internacional, Martins (2023). Pinto Neto (2019), Vinha et al. (2023) e Langeani (2023) observam que, no Brasil, esses ataques são recentes, exigindo esforços para enfrentar esse fenômeno global.

Columbine foi o tiroteio em massa mais letal nos EUA até 2018 e inspirou ataques análogos mundo afora, como o de Suzano em 2019. Em abril de 2023, no Brasil, viveu-se um caos com as notícias de ataques. Era o 24º aniversário de Columbine. Veiculavam-se nas redes sociais mensagens com ameaças às escolas no intuito de causar pânico (Vinha et al, 2023). Muitas escolas orientaram pais a não mandarem os(as) filhos(as) às aulas e eles exigiam policiamento dentro delas. Disso resultaram frágeis medidas de segurança: gradear as escolas, por exemplo. Rodrigues (2012) pontua outro aspecto relevante sobre Columbine: à época, o termo *bullying* não tinha

sido cunhado, mas atiradores descreveram que não suportavam mais serem motivo de piada, [...] marginalizados pelos colegas (Rodrigues, 2012, p. 18).

Fonseca et al. (2021) revela que a cobertura sensacionalista da mídia distorce a impressão sobre os ataques e seus autores. Para Deamon (2015), a mídia, ao noticiar tais eventos, os reforça. Columbine, explorado na mídia e internet com a divulgação de imagens e vídeos, exemplifica como o desejo dos autores de serem famosos foi alcançado, inspirando outros a seguir o mesmo caminho: efeito *copycat* (Vieira; Mendes; Guimarães, 2009). O avanço mundial do extremismo possibilitou que países que nunca sofreram essa violência, passassem experimentá-la (Vinha et al., 2023; Granchi, 2023).

Para Langeani (2023) e Cardozo e Souza (2019), há conexão entre a escola e o perpetrador, e também escolha intencional do alvo. Para Deamon (2015) e Fedri (2023), a escola se torna alvo por representar valores coletivos (socialização e construção de identidades (Vinha et al., 2023)).

O primeiro ataque a escola no Brasil foi em agosto de 2001, na Bahia. Em 17 anos, foram nove ataques. Após 2018, só em 2020 não houve registro, provavelmente devido à pandemia, pois o afastamento social fechou as escolas. Contudo, assim que foram reabertas em 2021, em sistema de rodízio, houve ataque na cidade de Americana-SP, sem vítimas fatais. Nos anos seguintes, bateu-se o record, com dez ataques em 2022 e 12 em 2023.

Rodrigues (2012) afirma que o modelo escolar é fracassado e que os(a) alunos(a) reproduzem na escola a competição, o “materialismo”<sup>10</sup> e o padrão de beleza irreal. Para Langman (2009), a miúde, perpetradores<sup>11</sup> têm problemas psicológicos por serem subestimados pela sociedade, embora nem todos(as) com psicopatia ou trauma sejam violentos(as) (Andrade et al., 2020). Vinha et al. (2023) indica que o compartilhamento do gosto pela violência e valores opressores, como o racismo, misoginia e ideais nazistas,

<sup>10</sup> Palavra aqui empregada para designar aquele(a) que tem interesses centrados em bens materiais e riquezas, valorizando mais o dinheiro do que outros aspectos da vida (relacionamentos, experiências e valores pessoais...), podendo se manifestar desde o desejo excessivo por bens materiais, até a crença de que a posse deles é fundamental para o *status* e o sucesso.

<sup>11</sup> Langeani (2023, p. 10) e outros autores(as) afirmam que, até o momento, todos os ataques em escolas brasileiras foram efetuados por meninos e homens, em sua maioria brancos.

manifestam a ausência de sentido de vida e perspectiva de futuro, sentimentos utilizados para a cooptação por grupos extremistas (Cara, 2022).

Para Vinha et al. (2023), 58,33% dos casos de ataques ocorreram entre fevereiro de 2022 a outubro de 2023, 21 casos em 36 nos últimos 22 anos. Foram dez vítimas fatais e 45 pessoas feridas. O mais letal foi o de Aracruz-ES, em novembro de 2022: um jovem, filho de policial militar, atacou duas escolas: uma particular e outra pública. No ataque, três professoras e uma aluna morreram, e 12 pessoas ficaram feridas; a arma foi um revólver calibre 38. Apreenderam o adolescente no mesmo dia. Após o ataque, ele voltou para casa, guardou o equipamento e fez a refeição em família. O pai policial e o jovem tinham ligação com movimentos neofascistas. Na braçadeira da farda utilizada, havia a suástica nazista. Encontraram na casa o livro “*Mein Kampf*”, de Hitler, presente do pai; iconografias nazistas foram encontradas na casa do atirador. Descobriu-se que o jovem se inspirou em outros ataques e acessou manuais de como cometer esse tipo de violência. A análise da rede social do jovem e do pai, mostrou que eram apoiadores de Bolsonaro, o que corrobora a fala de Martins (2023, s/p): a violência “[...] se agravou com o neofascismo assumindo o Estado brasileiro via bolsonarismo”.

Dados atualizados em artigo da BBC Brasil (Pina, 2025) apontam que 84% dos ataques foram em escolas públicas. Entre 2001 a 2024, foram sete em escolas particulares e 36 nas públicas (14 em escolas municipais e 22 em estaduais). O Estado de São Paulo tem o maior número de ataques, mas o Rio de Janeiro tem mais mortes. Mesmo considerando que os ataques ocorreram em sua maioria em escolas públicas, isso não significa que essas sejam menos seguras que as escolas particulares (Vinha et al., 2023). O nível familiar dos estudantes da maioria das escolas atacadas varia de “médio” a “alto”, o que indica que não se encontram em regiões periféricas, ou seja, o nível de vulnerabilidade social é indicado como fator de risco.

A escolha da arma não é aleatória, pois o intuito dos perpetradores é causar o maior número de vítimas, daí buscarem armas mais poderosas. Em apenas um caso o perpetrador tinha acesso à arma de fogo, mas não foi

utilizada (Langeani, 2023) por não conseguir entrar com ela na escola. Os que não a tinham, tentaram obtê-la, mas falharam. Os casos com armas brancas (objetos cortantes ou perfurantes) e de fogo como arma principal é bem próxima. Todos que usaram armas de fogo tiveram ao menos uma vítima fatal, totalizando dez mortes no período; as armas brancas causaram três mortes.

Sobre a origem das armas (Langeani, 2023; Vinha et al., 2023): mais da metade foram obtidas dentro da casa do agressor, sendo pertencentes a parente próximo. Em 40% dos casos, as armas eram registradas e pertenciam a parente que atuava com segurança (policial, perito, guarda). E “Em ao menos dois casos envolvendo armas de fogo há relatos de que o pai havia ensinado o agressor menor de idade a atirar” (Langeani, 2023, p. 14).

Prevalece o gênero feminino dentre os(as) funcionários(as) de escolas, e o fato de que meninas são mais vitimadas, pode indicar motivação misógina. Cara (2022) expõem o caráter misógino advindo da frustação sexual dos(as) perpetradores(as), que se destacam na escolha das vítimas.

O humor e a “trolagem” fazem parte desse processo: memes nazistas e fascistas, que disseminam ódio em tom de ironia, além de *post* provocativos. Veja-se que, na pandemia em 2020, jovens conectados(as) pela internet estavam em casa e, por vezes, sem supervisão de adulto(a); jogos online, como Roblox, Fortinete e Minecraft, estavam em alta; mergulhados no mundo da fantasia violenta, eles se expressavam nas plataformas com a segurança do anonimato. Muitos(as) culpam os jogos violentos e filmes pelos atos ocorridos, mas parte dos(as) especialistas entende que eles isoladamente não são responsáveis pelos ataques, embora contribuam na dessensibilização, como ocorre com a exposição constante a ambientes violentos. Para Vinha et al. (2023, p. 28-29), “[...] a exposição intensa a esse tipo de jogo está associada a níveis mais baixos de comportamento pró social, empatia e benevolência”. E ressalta que, apesar de não haver relação causal entre ataques e cultura gamer, ela pode produzir noções de intolerância: machismo, misoginia, homofobia, crueldade. Para Cardozo e

Souza (2019), crianças em fase pré-escolar expostas a filmes de luta, podem se sentir estimuladas ao comportamento agressivo após assisti-los.

As plataformas digitais têm servido para propagar ideologias extremistas aos jogadores(as). Muitos perpetradores integram comunidades extremistas nas redes sociais. As *True Crime Community* (TCC) são espaços em que grupos conhecem, discutem e até admiram crimes reais. Elas atuam internacionalmente e aderem ao neofascismo e extremismo violento. Para Vinha et al. (2023, p. 32), “Pelo menos cinco autores de ataques em escolas brasileiras participavam de TCCs, sendo quatro deles com idade entre 12 e 14 anos [...]”. As TCCs incentivam crimes e fazem a apologia ao neonazismo, fomento ao ódio às minorias e apoiam atiradores escolares. Apesar desses perfis serem desativados, novos surgem, enaltecedo perpetradores e buscando se camuflar na rede para não serem detectados. (Vinha et al., 2023)

A ausência de responsáveis no mundo virtual e a dificuldade de autocrítica de jovens à iconografia violenta, os(as) lançam ao extremismo, instigados(as) a expurgar sentimentos considerados obtusos e a se engajar. Para Speranza (2021 apud Vinha et al., 2023), o sentimento de pertencimento favorece o engajamento daquele que se vê importante e aceito no grupo. Aproveitando-se disso, algumas TCCs impõem desafios de provação de valor e ascensão hierárquica. Para Cara (2022), a cooptação de jovens articula-se ao aumento de grupos neonazistas no Brasil, que utilizam diversas ferramentas para atingi-los, os(as) quais farão de tudo para serem aceitos.

Recrutadores(as) usam as escolas para disseminar discursos e conduzir os jovens a canais extremistas, com teorias conspiratórias, ódio social, violência, revisionismo histórico. Para Cara et al. (2023, p. 62-63), desde 2021, o mundo juvenil é “[...] invadido por membros de perfil extremistas voltados à glorificação de assassinos, atiradores escolares e supremacistas brancos”.

Pina (2025), ao atualizar o “Relatório Ataques de Violência Extrema às Escolas”, diz que, desde 2011, a motivação e/ou planejamento de 27 dos 38 ataques ocorreram via internet. Todos eles tiveram algum planejamento,

com até três anos de preparo (Vinha *et al.*, 2023, p. 19). Em geral, perpetradores anunciaram antecipadamente o que fariam a pessoas próximas (Fonseca *et al.*, 2021), mas ninguém acreditou.

Há vestimenta típica de autores de ataque, inspirada em massacres como o de Columbine. Lá, atiradores se vestiram de preto (um dos autores usava camiseta branca), mas os filmes que o retratam (*Tiros em Columbine*, 2002; *Dia Zero*, 2002; *Elephant*, 2003), colocam personagens vestidos inteiramente de preto, com coturnos de exército, bonés virados para trás e relógio no braço direito, uma marca desse ataque. A série *American Horror Story* faz alusão a Columbine: o perpetrador entra na escola vestido de preto, mas com o rosto pintado como uma caveira (França, 2022). Não por acaso, um dos atiradores de Suzano usava máscara de caveira e vestimenta próxima a divulgada nos filmes. O caso de Aracruz-ES reproduziu essa estética, adicionando a suástica nazista; o ataque de Suzano está para o Brasil como Columbine está para os EUA, pois inspirou outros (*copycat*).

Para Vinha *et al.* (2023, p. 19), “[...] vale a pena destacar que para todos os autores a escola foi palco de sofrimento [...]. Tinhama, portanto, um significado negativo”. De fato, os ataques de 2022 e 2023 estão envoltos em complexidade que precisa ser desmistificada. Até 2010, o *bullying* era citado como fator central deles, mas depois se mostraram motivados por extremismos. Daí Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas (2023) indicar que a polarização política desses anos “[...] pode ser entendida como terreno que sedimenta o crescimento das violências em geral e dos ataques às escolas em específico”.

## NEOFASCISMO E REACIONARISMO NOS ATAQUES CONTRA ESCOLAS

Para Vinha *et al.* (2023), a partir de 2013, o ressentimento e a busca por vingança e desejo de matar se tornaram tangíveis. Barreto Filho e Bimbati (2023) afirmam que em um terço dos ataques às escolas do país desde 2019, houve referências nazistas, corroborando os dados de Adriana Dias.

Reconhecer a natureza política desse problema permite entender os ataques e ameaças em abril de 2023. Martins (2023) apresenta o significado

da escola no ingênuo imaginário popular e compara com as pautas bolsonaristas, evidenciando que a oposição torna a escola alvo de ataques. Reportagem da agência do Senado, em 05/05/2023, traz título que diz que os “ataques em escolas estão ligados ao neonazismo”. Para Jade Beatriz, presidente da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES), o discurso de ódio disseminado nos últimos anos está diretamente ligado à ascensão de grupos supremacistas organizados online, incluindo a deepweb.

Nas eleições de 2018 e no governo (2019-2022), o bolsonarismo ultrajou as instituições educacionais. Para Boito Jr. (2021), ainda no início do governo, Bolsonaro deu sinais de ideologia fascista, insultando a democracia e suas instituições, evidenciando que poderia tentar um golpe de estado. Martins (2023, s/p) diz que “[...] todo esse ‘caldo’ econômico, político-ideológico, cultural e social, do qual Jair Bolsonaro e o bolsonarismo é produto e produtor, efetiva-se em pautas defendidas com vigor e sem nenhum prurido pelos(as) neofascistas”, e completa: a violência contra escolas se agrava com o bolsonarismo e é efetivada por sujeitos que são seus adeptos(as).

Bolsonaro não queimou livros, mas seus aliados buscam censurá-los sempre que possível, como na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, quando fiscais da Secretaria Municipal de Ordem Pública recolheu livros com temas ligados à homossexualidade, por determinação do então prefeito Marcelo Crivella, também bolsonarista. Tais atos marcam o anti-intelectualismo e irracionalismo presentes na ideologia bolsonarista, conduz ao pensamento acrítico e fomenta a submissão necessária a regimes totalitários.

Para Cardozo e Souza (2019), pessoas que consomem bens culturais violentos, como o ódio a minorias propagado por bolsonaristas, são estimuladas a reproduzir violências. Programas de larga audiência entre jovens cooperam com a cultura nazifascista; veja-se o caso do apresentador do podcast “Flow”, Bruno Aiub, conhecido como Monark, que defendeu a existência de um partido nazista no Brasil. Para Martins (2023), a livre apologia à violência na internet e ações de viés neofascistas de bolsonaristas no governo e fora dele, potencializam a possibilidade de cooptação de jovens no ambiente escolar para praticarem ações violentas.

Igor Carvalho (2021) destacou que durante as eleições, Bolsonaro defendia a ideia de que se deveria acabar com o Estatuto da Criança e do Adolescente e, no governo, desprezou a infância, utilizando crianças para fazer apologia ao uso de armas: no dia 20/07/2018, em Goiânia (GO), pegou uma menina de cerca três anos no colo e a ensinou a fazer uma arma com os dedos; em setembro de 2021, em Belo Horizonte (MG), recebeu no palco uma criança fantasiada de policial e com uma arma de brinquedo, a qual simulou o uso.

O uso de iconografia nazista é recorrente em ataques às escolas: a balaclava<sup>12</sup>, utilizada pela Divisão Atomwaffen (organização neonazista norte-americana, fundada em 2013) e adotada pela cultura pop como figurino de psicopatas e assassinos; a caveira estampada na balaclava, como alusão ao *Totenkopf* (caveira em alemão), símbolo militar da Prússia, que foi resgatado pelo Terceiro Reich; a suástica, conhecida por simbolizar o nazismo, cujo uso é proibido no Brasil, mas que autores de ataques utilizaram.

A escolha das armas também faz alusão ao movimento fascista. Por exemplo: a machadinha representa o *fascio littorio* utilizado pelo litor, oficial romano responsável por executar sentenças e representa a autoridade e seu direito de punir, e ainda aquele que protege o cidadão do mal. Não coincidentemente, a machadinha esteve em diversos ataques, como no de Blumenau-SC, em que crianças de uma creche foram mortas com ela.

Os elementos neofascistas e do reacionarismo aqui apontados fortalecem a hipótese de que os ataques contra escolas resultam de complexos processos políticos, nos quais se destacam a radicalização reacionária verificada com Bolsonaro no governo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O artigo apresentou indícios de que o avanço do reacionarismo no Brasil, pós-2013, repercutiu no aumento dos “ataques contra escolas”. É parte do reacionarismo o “bolsonarismo”: um movimento amplo que, embora pelo

<sup>12</sup> Tipo de máscara que deixa os olhos à mostra é vendida na internet a baixo custo.

anacronismo não seja possível classificar como nazismo ou fascismo, compartilha de valores e práticas desses clássicos movimentos reacionários.

Processos legais acusam o “bolsonarismo” de tentar golpe de Estado, depois da derrota nas eleições de 2022. Evento marcante disso são os atentados aos poderes da república em 08/01/23, em Brasília. O aumento do nível de tensionamento político-ideológico coincide com o patamar recorde dos ataques contra escolas: nove casos apenas em 2023 (CNN Brasil, 2023)

Os referidos ataques são manifestações desumanas e se constituem como problema complexo, que envolve a segurança, no stricto sensu do termo, e guarda elementos ético-políticos, culturais e ideológicos, de ordem nacional e internacional. Assim, algumas anunciadas soluções fáceis (cercear escolas com grades, catracas nos acessos, treinar professores/as em defesa pessoal e/ou no uso de armas) não superarão o problema. A superação reside em iniciativas como fazer da escola centro de formação da cultura de civilidade democrática, crítica à “fascistização” social. Isso exigirá atenção do Estado na formação docente, cuidado intersetorial de discentes, com escolas estabelecendo redes protetivas de alunos(as) e famílias, e com autoridades regulando redes sociais a partir do princípio legal de que o que não pode ser vivenciado e disseminado no “mundo real”, também não pode ser vivenciado e disseminado no “mundo virtual”.

20

## REFERÊNCIAS

ACCIOLY, I.; MOREIRA, A.; SILVA, S. Guerra cultural e seus efeitos na educação pública brasileira. In: LEHER, R. **Educação no governo Bolsonaro**. São Paulo: Expressão Popular, 2023.

ALMEIDA, J. P. M. de. “Deus, Pátria e Família”: os sentidos do fascismo brasileiro, do integralismo ao populismo do século XXI. **Entheoria: Cardernos de Letras e Humanas**, [s.i.], v.7, p. 163-178, 2020. Disponível em:  
<https://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/3855>. Acesso em: 05 maio 2023.

ANDRADE, F. C. B. de; GONÇALVES, C. C.; SILVA, M. C. S. da; NASCIMENTO, V. F. do. Pandemia e massacres em escolas: sacudindo raízes da cultura de violência. **Revista Educare** (Online), v. 4, n. 2, p. 1–25, 2020. Disponível em:  
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/educare/article/view/53484>. Acesso em: 11 mar. 2024.

BARRETO FILHO, H.; BIMBATI, A. P. Culto ao nazismo influencia ataques a escolas: casos disparam pós pandemia. casos disparam pós pandemia. **UOL**, São Paulo, 02 abr. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/04/02/nazismo-ataque-escolas-mais-casos-apos-pandemia.htm>. Acesso em: 09 abr. 2024.

BOITO JR., A. O caminho brasileiro para o fascismo. **Caderno CRH**, v. 34, p. 1-23, 2021. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/CSKYLS49WkF4Zr7fnFJTMMm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 maio 2023.

BRANDÃO, A. F. A crítica lukacsiana ao fascismo. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 11, n. 2, p. 7-15, 2019. Disponível em:  
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/33232>. Acesso em: 05 maio 2023.

BRASIL. Agência Senado. Ataques em escolas estão ligados ao neonazismo. **Senado Notícias**, Brasília, 05 maio 2023. Disponível em:  
<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/05/05/ataques-em-escolas-estao-ligados-ao-neonazismo-dizem-especialistas>. Acesso em: 09 abr. 2024.

BRINGEL, B.; PLEYERS, G. Junho de 2013... dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 30, n. 88, 2015.

BRITO, E. N. S.; SILVA, M. V. P.; PINHEIRO, D. C. A proposta de educação de Jair Bolsonaro e suas comparações com a Ditadura Militar brasileira. **Devir Educação**, v. 7, n. 1, p. 1-24, 2023. Disponível em: <https://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/684>. Acesso em: 15 fev. 2024.

BUCCI, E. Donald Trump é fascista? **A Terra é redonda**. 26/01/2025. Disponível em:  
<https://aterraeredonda.com.br/donald-trump-e-fascista/>. Acesso em: 13 jan. 2025.

CALIL, G. G. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serviço Social & Sociedade**, n. 140, p. 30-47, 2021. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/ZPF6DGX5n4xhfJNTypm87qS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 fev. 2024.

CARA, D. et al. O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental. **Campanha Nacional pelo Direito à Educação**, São Paulo, 11 dez. 2022. Disponível em:  
[https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Relatorio\\_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental\\_RelatorioTransicao\\_2022\\_12\\_11.pdf](https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Relatorio_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental_RelatorioTransicao_2022_12_11.pdf). Acesso em: 14 mar. 2024.

CARDOZO, B. M.; SOUZA, D. A. S. School Shooting: violência escolar e variáveis que se relacionam. In: CONGRESSO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA CIENTÍFICA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 4., 2019, [S.I]. **Anais**. [S.I]: Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, 2019. p. 348-362. Disponível em:  
<http://izabelahendrix.edu.br/pesquisa/anais/arquivos2019/ciencias-humanas/school-shooting-violencia-escolar-e-variaveis-que-se-relacionam.pdf/view>. Acesso em: 20 mar. 2024.

CARVALHO, I. 5 vezes em que Bolsonaro fez apologia à violência usando crianças. **Brasil de Fato**, São Paulo, 12 out. 2021. Disponível em:  
<https://www.redebrasiltual.com.br/cidadania/5-vezes-em-que-bolsonaro-fez-apologia-a-violencia-usando-criancas/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

CNN BRASIL. Brasil registra 9 ataques em escolas neste ano e atinge patamar recorde; relembre casos. **Do Estadão Conteúdo**, 23 out. 2023. Disponível em:  
<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-registra-9-ataques-em-escolas-neste-ano-e-atinge-patamar-recorde-relembre-casos/>. Acesso em: 09 mar. 2025.

COHN, G. O fascismo latente. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 116, p. 37-52, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ln/a/DgnbRLSTHhtTgKnNC3HmMnD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 maio 2023.

CUNHA, V. P. Militarização da gestão das escolas públicas: a exclusão da atividade política democrática. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 43, e258252, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QjXXtGBRt8JHqsyKn335nWK/?lang=pt>. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES.258252>. Acesso em: 02 fev. 2025.

DAHL, R. A. **Sobre a democracia**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

DAEMON, F. Entre os muros e as mídias: o bullying e o school shooting numa perspectiva comunicacional. **Rev. Epos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 06-26, dez. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-700X2015000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2015000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 mar. 2024.

ECO, U. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

EMPOLI, G. da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

FABBRI, L. **Fascismo**: definição e história. São Paulo: Mícroutopias, 2019.

FARIA, A. M. T. de et al. Eleições e extremismo no Brasil: análise dos programas de governo de Haddad e Bolsonaro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 37, n. 110, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/XCZ7XsgZNDxGPvNShDt7vG/>. Acesso em: 05 maio 2023.

FEDRI, B. C. Tiros na escola: algumas referências para a psicologia na assistência à comunidade escolar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e25037, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/vTnrtRn3w6VH84mSfVCbK7B/#>. Acesso em 11 mar. 2024.

FONSECA, J. E. B. P. et al. Fenômenos de School Shooting: uma contraposição entre Columbine e Realengo. In: **Ciências da Saúde**: pluralidade dos aspectos que interferem na saúde humana. Ponta Grossa: Atena, 2021. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/index.php/catalogo/ebook/ciencias-da-saude-pluralidade-dos-aspectos-que-interferem-na-saude-humana-10>. Acesso em: 20 mar. 2024.

FRANÇA, F. G. de. "É faca na caveira": A Identidade Simbólica de Tropas de Operações Policiais Especiais no Brasil. **Rev. Susp**, Brasília, v. 1, n 2 de jul/dez, p. 99-115, 2022. Disponível em: <https://dspace.mj.gov.br/handle/1/8568>. Acesso em: 12 abr. 2024.

FREITAS, L. C. **O PISA e a geocultura da desigualdade meritocrática**. ConTEE: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino. 10/12/2019. Disponível em: <https://contee.org.br/o-pisa-e-a-geocultura-da-desigualdade-meritocratica/>. Acesso em: 11 mar. 2024.

FRIGOTTO, G. (org.). **Escola "sem" partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ-LPP, 2017.

FRIGOTTO, G. Sociedade e educação no governo bolsonaro: anulação de direitos universais, desumanização e violência. **Revista Desenvolvimento & Civilização**, v. 2, n. 2, p. 118-138, 2022. DOI: 10.12957/rdcv.2021.66270. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/rdcv/article/view/66270>. Acesso em: 14 mar. 2024.

G1. Bolsonaro diz não ter 'dúvida' de que nazismo era de esquerda. **G1**, Brasília, 02 abr. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/02/bolsonaro-diz-nao-haver-duvida-de-que-nazismo-era-de-esquerda.ghtml>. Acesso em: 02 fev. 2025.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Atlas, 2002.



GRAMSCI, A. **Escritos políticos** - v. 2 – 1921-1926. Org., introdução e trad. de Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRANCHI, G. Os fatores que contribuem para ataques em escolas, segundo especialistas. **BBC News Brasil**, São Paulo, 06 abr. 2023 Disponível em:  
<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn0610zm35vo>. Acesso em: 11 mar. 2024.

GRUPO DE TRABALHO DE ESPECIALISTAS EM VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS. **Ataque às escolas:** análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental (Relatório Final). Relator Daniel Cara. Brasília-DF: Ministério da Educação, 2023. Disponível em:  
<https://www.gov.br/mec/pt-br/acesso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>. Acesso em 19 abr. 2024.

KONDER, L. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LANGEANI, B. **Raio-x de 20 anos de ataques a escolas no Brasil: 2002-2023**. [s.i]: Instituto Sou da Paz, 2023.

LANGMAN, P. **Why kids kill: inside the minds of school shooters**. New York: Palgrave Macmillan, 2009

LEHER, R. **Educação no governo Bolsonaro**. São Paulo: Expressão Popular, 2023.

LEHER, R.; SANTOS, M. R. S. dos. Governo Bolsonaro e autocracia burguesa: expressões neofascistas no capitalismo dependente. In: LEHER, R. **Educação no governo Bolsonaro**. São Paulo: Expressão Popular, 2023.

23

LIMA, I. G. de; GANDIN, L. A; ROSA, L. F.; SANTOS, G. dos. A rede da educação domiciliar no Brasil: a aliança conservadora em ação. **Práxis Educativa**. v. 17, p. 1-24, 2022. Disponível em:  
<https://revistas.uepg.br/index.php/praxeducativa/article/view/21141>. DOI:  
<https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.17.21141.094>. Acesso em: 12 mar. 2024.

MAGENTA, M. O que é ser bolsonarista? **BBC News Brasil**, Londres, 11 ago. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62490534>. Acesso em 21 set. 2024.

MANSO, B. P. Sobre homicídios e ataques em escolas e creches. **Jornal da USP**, São Paulo, 12 abr. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/articulistas/bruno-paes-manso/sobre-homicidios-e-ataques-em-escolas-e-creches/>. Acesso em: 11 mar. 2024.

MARTINS, M. F. La educación política a través de los movimientos sociales: notas sobre las protestas ocurridas en 2013 en Brasil. **Revista Pasos**. San José-Costa Rica, nº 161, out-dez.2013, p. 34 a 54. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/379730> Acessado em: 01 fev. 2026.

MARTINS, M. F. Paradigmas educacionais em disputa nas escolas: organizações sociais de tipo operacional ou instituições sociais. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 22, n. 1, p. 95-115, 2020. Disponível em:  
<https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3577>. Acesso em: 17 fev. 2024.

MARTINS, M. F. Referências para a análise da educação no cenário eleitoral. **Blog do HISTEDBR**, Campinas, 29 set. 2022. Disponível em:  
<https://www.histedbr.fe.unicamp.br/columnas/artigos/referencias-para-a-analise-da-educacao-no-cenario-eleitoral>. Acesso em: 10 mar. 2025

MARTINS, M. F. Por que escolas estão sendo atacadas? **A terra é Redonda**, 03 maio 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/por-que-escolas-estao-sendo-atacadas/>. Acesso em: 06 out. 2023.

O CAMINHO DA PROSPERIDADE. Proposta e Plano de Governo de Jair Bolsonaro, **Veja**, 28 out. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/wp-content/uploads/2018/10/plano-de-governo-jair-bolsonaro.pdf>. Acesso em 21 set. 2024.

PARIS, R. **As origens do fascismo**. Ed. bras.: São Paulo: Perspectiva, 1976.

PAXTON, R. O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PINA, R. 'Vou virar serial killer. Tô nem aí': como adolescentes planejaram ataque a escola e esfaquearam professora no RS, **BBC News Brasil**, 16 abr. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c8x85rewn8vo>. Acesso em: 18 abr. 2025.

PINTO NETO, M. Suzano: a educação na mira dos massacres lumpenradicais. **Dialogia**, n. 33, p. 178–191, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/13790>. Acesso em: 11 mar. 2024.

PUZONE, V. Reconstruindo alguns temas da teoria crítica: contribuição para o debate sobre o fascismo. **Lua Nova**, n. 116, p. 83–110, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/L7jv5hgRcXBDLG83yRLs8BH/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 05 maio 2023.

ROCHA, B.; VICENTE, K. Um passo atrás: a educação no pós-2018. **Revista Mediação**. [s.i], v.16, n.2, p. 85-96, 2021. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/12489>. Acesso em: 14 fev. 2024.

RODRIGUES, G. de C. O bullying nas escolas e o horror a massacres pontuais. **Revista ponto-e-vírgula**, [s.i], v.11. p-10-21, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/13877/10204>. Acesso em: 11 mar. 2024.

RUSSO, G. A.; PIMENTEL JR., J.; AVELINO, G. O crescimento da direita e o voto em Bolsonaro: causalidade reversa? **Opinião Pública**, v. 28, n. 3, p. 594–614, set. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/m9LRsJ6rh8nRmR9Tn8GgQ5P/>. Acesso em: 05 maio 2023.

SALLES, P. Z. S.; MARTINS, M. F. Homeschooling no Brasil: uma análise referenciada no conceito gramsciano de sociedade civil. **Teoria e Prática da Educação**, v. 27, e 70819, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/70819/751375158695>. Acesso em: 02 fev. 2025.

SANTOS, L. A.; BACCEGA, M. V. A.; MATEUS, Y. G. A. S. (org.). **O golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil**. São Luís: EDUFMA, 2021.

SILVA, E. H. B da.; NEGREIROS, F. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma revisão sistemática da literatura. **Rev. Psicopedagogia**, São Paulo, v. 37, n. 114, 2020. Disponível em: <https://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/647/violencia-nas-escolas-publicas-brasileiras--uma-revisao-sistemática-da-literatura>. Acesso em: 02 fev. 2025.

SINGER, A. Regime autocrático e viés fascista: um roteiro exploratório. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 116, p. 53–82, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/Zc3fR5TmzYFq8DSrZ4YdjBR/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 05 maio 2023.

SOUZA, R. F.; OLIVEIRA, T. F. A doxa e o logos na educação: o avanço do irracionalismo. In: FRIGOTTO, G. **Escola “sem” Partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.



TABER, M.; RIDDELL, J. Introdução. In: ZETKIN, C. **Como nasce e morre o fascismo**. Trad. de Eli Moraes. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

TAFFAREL, C. N. Z.; NEVES, M. L. C. Tendências da educação frente à correlação de forças na luta de classes: uma análise do governo Bolsonaro na perspectiva educacional. **Estudos IAT**, Salvador, v. 4, n. 2, p. 310-329, 2019. Disponível em: <http://estudosiat.sec.ba.gov.br/index.php/estudosiat/article/view/153>. Acesso em: 14 fev. 2024.

VALENTE, L. de F.; PEREIRA, M. A. L. Política para a educação básica no Brasil em tempos de retrocessos democráticos: a desconstrução da agenda no governo de Jair Bolsonaro. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 48, p. 1-22, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/70211/61505>. Acesso em: 16 fev. 2024.

VASCONCELOS, F. T. R. As origens intelectuais do fascismo e suas reinvenções: entre a "revolução conservadora" e o Tradicionalismo. **Plural**, v. 29, n. 01, p. 208-231, 2022. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2022.193358. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/193358>. Acesso em: 17 fev. 2024.

VIEIRA, T. M.; MENDES, F. D. C.; GUIMARÃES, L. C. De Columbine à Virgínia Tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 3, p. 493-501, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/yS4t7zpXbwTKRbQ9Cgzmtbg/#>. Acesso em 11 mar. 2024.

VINHA, T. (coord.) et al. **Ataques de violência extrema em escolas no Brasil**: causas e caminhos. 2. ed. São Paulo: D3E, 2023. Disponível em: <https://d3e.com.br/relatorios/ataques-de-violencia-extrema-em-escolas-no-brasil/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

ZETKIN, C. **Como nasce e morre o fascismo**. Trad. de Eli Moraes. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

Recebido em: 27 de abril de 2025.

Aprovado em: 18 de agosto de 2025.

Publicado em: 18 de setembro de 2025.